

A coleção dos animais taxidermizados do Museu Escolar do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

The collection of taxidermied animals at the Museu Escolar of Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

José Maurício Ismael Madi Filho*
Katya Braghini**

Resumo: Animais taxidermizados apareceram na escola em meados do século XIX, no âmbito de um processo que culminou na entrada das ciências nos currículos e na difusão do método intuitivo de ensino. Tal metodologia tinha por princípio a utilização de coisas e o desenvolvimento da observação na construção da aprendizagem. A generalização do uso de objetos tornados materiais didáticos incidiu diretamente sobre os animais taxidermizados, que passaram a ser comercializados para a escola. O presente artigo tem como objetivo apresentar a coleção de animais taxidermizados do centenário Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, analisando esse patrimônio escolar como fonte e como objeto de estudo. Este trabalho está dividido em quatro partes. A primeira apresenta brevemente as coleções de taxidermizados e seu uso para o estudo de História Natural. A segunda versa sobre a percepção do animal taxidermizado como objeto cultural e sua apropriação como material didático. A terceira contextualiza a composição da coleção no histórico do Colégio Marista. Por fim, há a apresentação do acervo propriamente dita, seu perfil e sua composição no museu escolar. As análises presentes neste trabalho estão ancoradas na temática da história da ciência e da cultura material escolar e contam com contribuições de autores como Augustín Escolano Benito, Keith Thomas, Marie-Noëlle Bourguet e Pierre-Yves Lacour. A documentação é composta de livros de História Natural, de documentação administrativa e memorialística e da coleção de taxidermizados encontrada no colégio. Para os aspectos mais gerais, mobilizam-se manuais de taxidermia, relatórios das Exposições Universais, catálogos de empresas comerciais etc. Como resultado, conclui-se que animais taxidermizados foram apropriados em razão de seu valor mercadológico e de seu potencial pedagógico como mediador de saberes e práticas ligados ao ensino de Zoologia. A coleção do Colégio Marista reflete basicamente os biomas brasileiros, e vários de seus artefatos buscam recriar os comportamentos dos animais na natureza.

Palavras-chave: Animais taxidermizados; Colégio Marista Arquidiocesano; cultura material escolar; coleção.

Abstract: Taxidermized animals appeared in school in the mid-nineteenth century, within the framework of a process that culminated in the entry of science into curricula and the diffusion of the intuitive method of teaching. Such methodology had as principle the use of objects and the development of observation in the construction of learning. The generalization of those objects' use made didactic materials focused directly on taxidermized animals that began to be commercialized for school. This article aims to present the collection of taxidermized animals of the centenary *Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo*, analyzing this school heritage as a source and object of study. It is divided into four parts. The first one briefly presents the taxidermized collections for the study of Natural History. The second one deals with the perception of the taxidermized animal as a cultural object and its appropriation as didactic material. The third one contextualizes the composition of the collection in the history of *Colégio Marista*. Finally, there are the presentation itself, its profile and its composition in the school museum. The analyses

* Doutor e Mestre pelo Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Licenciado pela Unesp/Assis (SP). madi.mauricio@hotmail.com

** Professora e pesquisadora do PPG em Educação: História, Política, Sociedade (EHPS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutora e Mestre em Educação pela mesma instituição. Pós-Doutorada no Instituto de História, Dept. de História da Ciência no *Consejo Superior de Investigaciones Científicas* (CSIC-Madrid). Bacharela e Licenciada em História pela Universidade de São Paulo (USP). Coordena o Núcleo de Estudos Escola e seus Objetos. katya.braghini@gmail.com

presented in this work are anchored in the theme of the history of science and school material culture and have contributions from authors such as Augustín Escolano Benito, Keith Thomas, Marie-Noëlle Bourguet and Pierre-Yves Lacour. The documentation is made up of Natural History books, administrative and memorialist documentation and the collection of taxidermists found in the college. For the more general aspects, taxidermy manuals, reports of Universal Exhibitions, catalogues of commercial companies etc. As a result, it is concluded that taxidermized animals were appropriated because of their market value and their pedagogical potential as a mediator of knowledges and practices related to the teaching of Zoology. The collection of the Colégio Marista basically reflects the Brazilian biomes, and several of its artifacts seek to recreate the behaviors of animals in nature.

Key-words: Taxidermized animals; Colégio Marista Arquidiocesano; school material culture; collection.

Introdução

O presente artigo apresenta um recorte da dissertação intitulada *Animais taxidermizados como materiais de ensino em fins do século XIX e início do século XX*¹ (MADI FILHO, 2013) e tem como objetivo apresentar a coleção de animais taxidermizados do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, analisando esse patrimônio escolar como fonte e como objeto de estudo. Busca-se discutir o desenvolvimento de ferramentas interpretativas e de recursos heurísticos, por meio dos quais foi possível conhecer tal coleção em seus aspectos quantitativos e qualitativos – inclusos os gêneros e as espécies de animais com mais representantes no acervo, as possibilidades e predileções do colégio e os modos de exibição e montagem das peças –, compreendendo-a em seu histórico e como mediadora entre o presente e o passado escolar. Além disso, visa-se abordar a transformação de animais em artefatos culturais.

A coleção é formada por dezenas de aves e de mamíferos e, em menor quantidade, por répteis e peixes. Animais como tartaruga, gato selvagem, morcego, socó, tucano, águia, urubu, jacaré, tamanduá, sagui, uacari, gralha, perdiz, cobra, onça, montados com aparência vívida, muitas vezes de maneira teatralizada, parados, estáticos, mas emulando posturas, simulando movimentos, capturaram o meu olhar, desafiando a minha compreensão. O colorido e a diversidade daqueles animais e de suas montagens despertaram muita curiosidade intelectual.

Esses artefatos são vestígios, substratos empíricos, de uma tradição pedagógica (ESCOLANO BENITO, 2012), mais especificamente do método intuitivo de ensino, da educação dos sentidos, que subsidiou a entrada das ciências nos Ensinos Primário e Secundário. Tais mudanças impactaram a arquitetura da escola, fazendo-se

¹ A dissertação foi orientada pelo Prof. Dr. Kazumi Munakata no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e integrou o projeto de pesquisa “A educação dos sentidos na escola contemporânea brasileira: projetos, práticas, materialidades”.

acompanhar da emergência de novos espaços, como gabinetes, laboratórios e museus escolares, e de uma profusão de instrumentos e objetos que não se restringiram ao ensino das ciências físicas e naturais (SOUZA, 2007).

A pesquisa completa abordou a apropriação escolar de animais taxidermizados como material didático considerando sua legitimação sociocultural, seu potencial mercadológico e seu valor pedagógico como mediador de práticas e saberes a respeito do mundo natural, pertinente ao estudo da História Natural e, mais especificamente, da Zoologia. No rol de conteúdos que constituíam o estudo da Zoologia escolar de fins do século XIX a meados do século XX – citologia, histologia, fisiologia, anatomia etc. –, animais taxidermizados se destinavam ao estudo da taxonomia: classificação dos animais em reino, filo, classe, ordem, família, gênero e espécie, que à época era realizada com base no estudo das características morfológicas externas dos seres da natureza. Salvo as especificidades e os objetivos de cada componente e de cada nível de ensino, conteúdos de taxonomia podiam ser encontrados nas aulas de Lições de Coisas e de Rudimentos de Ciências Físicas e Naturais, do Ensino Primário, e de História Natural, do Ensino Secundário, até meados do século XX (MADI FILHO, 2013).

Aludiu-se à questão da apropriação escolar a noção de trajetória, de biografia do artefato, que considera que os objetos não incorporam, no mesmo ato de criação, valores morfológicos, fisiológicos e semânticos e que estes não se mantêm estanques ao longo do tempo (REDE, 1996). A perspectiva de trajetória envolve as etapas de produção, apropriação, consumo, descarte e reuso, ou seja, remete aos sucessivos e diversos contextos culturais atravessados pelos objetos, impregnados de valores cambiantes – estéticos, simbólicos, funcionais, pedagógicos –, dos quais sua materialidade se constituiu como importante vestígio (REDE, 1996; ESCOLANO BENITO, 2020). Na análise da biografia da coleção de animais taxidermizados do Colégio Marista Arquidiocesano, apreendemos, com base nos estudos de Lawn e Grosvenor (2005, p. 7), que tais artefatos passaram de cruciais para a inovação escolar a uma existência deslocada daquela finalidade que justificou a montagem desse inusitado acervo. Para tanto, foi mobilizado um conjunto heterogêneo de documentação constituído, entre outros, de programas curriculares, legislações educacionais, prescrições metodológicas, livros didáticos de História Natural relativos ao período estudado, manuais de naturalistas do século XIX, verbetes de dicionários pedagógicos do período, além do acervo de taxidermizados do já citado colégio².

² Deve-se levar em conta que, em paralelo ao desenvolvimento desta pesquisa, houve a organização do Museu Escolar do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, principalmente de sua coleção de Física, realizada pelo projeto "Museu Escolar do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo (fase 1):

Neste artigo, não se trata de fazer apenas uma análise descritiva da coleção dos maristas, mas de apresentá-la à luz de seu histórico, de seu contexto de formação, de seus usos práticos e didáticos. O presente trabalho está organizado em quatro partes. A primeira faz uma breve apresentação das coleções de taxidermizados e de seu uso para o estudo da História Natural. A segunda versa sobre a percepção do animal taxidermizado como objeto cultural e sua apropriação como material didático. A terceira contextualiza a composição da coleção no histórico do Colégio Marista. Por fim, há a apresentação do acervo propriamente dita, na sua atual configuração no museu escolar, indicando os principais grupos de animais observáveis.

1. Os animais: entre o colecionismo e a História Natural

A História Natural se define pelo estudo dos três reinos da natureza, mineral, vegetal e animal, a partir de um método de produção de saber que se exprime pela observação, pela descrição e pela comparação. Essa área do conhecimento se estruturou como um saber social e culturalmente relevante entre os séculos XVI e XVIII, desempenhando um papel essencial no desenvolvimento das práticas empíricas comumente associadas à “revolução científica” (BOURGUET; LACOUR, 2015, p. 255).

A história dos animais é dramática e constitui, provavelmente, uma das facetas mais cativantes, se não intrigantes, da história da História Natural. Coletados na natureza, transformados em artefatos, itens da cultura material, os animais receberam enorme atenção no continente europeu, sobretudo a partir do século XVII. Com o adensamento da exploração marítima de novos mundos, das costas africanas, americanas, asiáticas e oceânicas, ao lado de outros itens da natureza, de espécimes botânicos e mineralógicos e de artefatos não naturais, os animais foram coletados, retirados de seu *habitat*, mortos, escapelados, segmentados e traficados para o Velho Mundo, onde inspiraram a constituição dos gabinetes de curiosidades.

Caudas de pretensas sereias, defesas de narvais e de peixes-serra, chifres de pretensos e fantásticos unicórnios, de elefantes e de rinocerontes, cascos de tartarugas e de tatus, conchas, ossos, galhadas de veados, bicos e penas de pássaros disputavam espaço com fugazes e efêmeras peles e animais dessecados, aves, mamíferos e peixes rusticamente empalhados ou mergulhados em soluções alcoólicas, figurando ao lado de

planejamento e organização do inventário dos materiais científicos”, coordenado pela Profa. Dra. Katya Braghini e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Esse trabalho está disponível no [link: https://biblioteca.grupomarista.org.br/?q=optica%20%20&for=LIVRE&id_biblioteca=53](https://biblioteca.grupomarista.org.br/?q=optica%20%20&for=LIVRE&id_biblioteca=53). Acesso em: 29 ago. 2023.

artefatos gregos, moedas, múmias, relíquias egípcias, vasos etruscos, porcelanas chinesas etc. (PAULUS, 1943 PÉQUIGNOT, 2003).

Esses elementos eram dispostos para que se pudesse reconhecer sua beleza, estranheza e raridade, recriando nos gabinetes um microcosmo da realidade exterior. A “curiosidade” era um elemento propulsor da formação de tais gabinetes, alimentando a sanha colecionista de nobres aristocráticos, burgueses endinheirados, apotecários, filósofos naturais e curiosos de toda sorte, atraídos pelos aspectos estéticos, místicos e oníricos projetados sobre artefatos exóticos (PÉQUIGNOT, 2003). A força do hábito de colecionar, ancorada no prestígio social proporcionado pelo tamanho e pela singularidade estética das peças, era marcada também pelo próprio fascínio de possuir objetos mediadores entre o conhecido e o desconhecido, o longínquo e o oculto, funcionando como intermediários entre quem os via e o invisível de onde provinham (POMIAN, 1984, p. 64).

As coleções dos gabinetes eram comumente organizadas segundo dois grandes eixos: *Naturalia* e *Artificialia*. A primeira categoria dividia-se entre os reinos da natureza (mineral, animal e vegetal) e compreendia elementos europeus e estrangeiros. A segunda referia-se aos objetos manufaturados, com preferência pelos que fossem exóticos (POSSAS, 2005). Gabinetes de curiosidades eram locais ecléticos de reunião e de exibição de objetos; entre os séculos XVI e XVIII, eles se difundiram por toda a Europa. No período, somente nos Países Baixos havia cerca de 1.500 gabinetes, ao passo que, em Paris, contavam-se ao menos 720 locais desse tipo (BURKE, 2003, p. 100; BAUER, 2002, p. 9).

A despeito da heterogeneidade das coleções dos gabinetes, se processou “uma tentativa de administrar uma ‘crise do conhecimento’ que se seguiu à inundação da Europa pelos novos objetos [...] que resistiam a se adaptar às categorias tradicionais” (BURKE, 2003, p. 102). Segundo Burke (2003, p. 100-102), no século XVII, no gabinete de Ole Worm, havia caixas com rótulos para separar os materiais de metal, de pedra, de madeira, de conchas etc. Um esforço por ordenação também foi empreendido pelo filho de Worm, que, ao publicar a descrição da coleção, classificou os itens do museu não pela procedência, mas sim pela matéria-prima. Na mesma época, o colecionador milanês Manfredo Settala e o bolonhês Aldrovandi adotaram a mesma classificação por matéria-prima para a descrição dos artefatos dispostos em seus gabinetes.

Os gabinetes também podiam apresentar esquematizações mais metódicas, como o do britânico Elias Ashmole, o Ashmolean Museum, separando em salas diferentes os objetos naturais dos artefatos. Já o boticário e comerciante holandês

Albertus Sebas montou um rico gabinete especializado em História Natural no século XVIII, chegando a ser citado pelos renomados naturalistas Lineu e Bufon (KURY; CAMENIETZKI, 1997, p. 57; BAUER, 2002, p. 9).

O surgimento de espaços especializados para o estudo da natureza constitui um amplo e complexo processo de delimitação das fronteiras da História Natural e de organização do método de trabalho dos naturalistas, que culminou na emergência de novas epistemes e concepções com relação ao mundo natural. A organização de amplas coleções reunidas nos gabinetes denota uma tensão entre o legível e o visível, entre as coisas lidas e as coisas vistas. Exprime ainda uma distinção “entre uma história natural ‘sensível’ fundada sobre a evidência dos sentidos, e a tradição advinda da leitura dos textos antigos” (BOURGUET; LACOUR, 2015, p. 260). Não que os saberes antigos tenham desaparecido completamente, mas no período moderno ocorre uma inversão com relação à autoridade. Os naturalistas não dependiam mais de autores da Antiguidade Clássica para conhecer o mundo natural; pelo contrário, por meio de suas observações sistemáticas e metódicas da natureza, esses estudiosos passaram a problematizar e a testar as postulações de pensadores como Aristóteles, Plínio, Discórides, Teofrasto, entre outros.

Outro ponto a ser considerado é que, entre a Renascença e o Iluminismo, o campo da História Natural se estruturou na diferenciação com relação a outros campos do conhecimento. Para o naturalista francês Daubeton (1716-1800), os naturalistas estudavam as plantas, os minerais e os animais sem lhes modificar a estrutura ou a organização interna, ou seja, esses elementos não deveriam ser encarados meramente como matérias-primas, como o são para os químicos, farmacêuticos, médicos etc. Da mesma forma, para Lineu ou Rousseau, o conhecimento de um botânico se distinguia do conhecimento de um jardineiro, pois, onde o primeiro via gênero e espécie, o segundo via variedades de legumes e tulipas (BOURGUET; LACOUR, 2015, p. 260).

Os naturalistas também superaram gradativamente uma ideia, subjacente ao medievo, que compreendia a natureza segundo relações antropocêntricas, por meio de analogias e correspondências entre o comportamento de plantas e animais e os infortúnios humanos. Paulatinamente, ao menos entre os naturalistas, a natureza passaria a ser vista sem presságios ou significados humanos. À época, com relação aos animais, era comum acreditar que certos comportamentos de porcos-espinho, gatos e cachorros davam sinais de que o tempo iria mudar ou que joaninhas e gatos pretos traziam boa sorte, enquanto lebres e cães uivantes indicavam uma morte próxima, por exemplo. Destaca-se também que na constituição do campo da História Natural caíram

em desuso outros critérios classificativos antropocêntricos, como os pares “úteis” e “nocivos”, “comestíveis” e “não comestíveis”, “ferozes” e “mansos” (THOMAS, 2010, p. 90).

Além dos afastamentos citados, a partir da segunda metade do século XVII, a tão comum *litteraria* – que versava sobre as virtudes atribuídas aos entes da natureza, seus significados emblemáticos, heráldicos ou fantásticos, as histórias contadas sobre eles pelos antigos, as impressões dos viajantes – foi sendo, aos poucos, relegada a um papel complementar (FOUCAULT, 2007).

Nesse ínterim, critérios mais subjetivos relativos à beleza, utilidade, tato, cor, gosto e sabor deram lugar a outros elementos para ordenar o mundo natural, cada vez mais apartado dos humanos. A atenção dos naturalistas em relação aos animais passou a recair sobre as suas partes, como órgãos, flores, frutos, patas, cascos, asas, bicos, dentes etc. Dito de outra forma, o naturalista vê seletivamente linhas, padrões e formas. No século XVIII, o botânico Lineu excluiu da abordagem naturalista tudo o que não fosse geométrico. Seu sistema classificatório era baseado na distinção visual das partes do corpo dos seres naturais e na descrição e nomeação delas de acordo com o número, a figura, a posição e a proporção apresentados. Ao analisar as qualidades intrínsecas das plantas, tão somente a sua estrutura, se educava o olhar e se fundava a distinção entre as espécies (BOURGUET; LACOUR, 2015, p. 260; THOMAS, 2010, p. 79; FOUCAULT, 2007, p. 181).

O desenvolvimento de um método de representação da natureza segundo bases taxonômicas e termos latinos indicadores de classes, ordens, gêneros e espécies era universalizante, ou seja, permitia unificar a designação dos seres da natureza, que variava segundo regiões e países. Mas, embora revolucionária, a adoção dessa taxonomia, fundada sob o labor de observar, descrever e classificar, foi um processo lento e eivado de disputas. O naturalista Buffon, por exemplo, questionava tal método, acusando-o de ser artificial, de não encontrar paralelo com a vida em natureza e de apenas segmentar os indivíduos, desconsiderando sua unidade orgânica (THOMAS, 2010, p. 80). Entretanto, a lógica que perdurou e se consolidou nos séculos XVIII e XIX foi o esforço para estabelecer os critérios de classificação das espécies dentro de uma ordenação matematizante das coleções de História Natural (MARANDINO, 2009, p. 6).

No decurso desse período, consolidou-se o trabalho metódico baseado na descrição, análise, comparação e classificação dos elementos da natureza sobre a materialidade das coleções disponíveis. Promoveu-se a individualização da Botânica,

da Mineralogia e da Zoologia como áreas do conhecimento características da autonomização da História Natural (LOPES, 2005, p. 459).

Como sustentado até aqui, a História Natural guarda uma relação intrínseca com o colecionismo, a coleta e os gabinetes. As viagens de exploração fortaleceram a relação entre “campo” e “gabinete” que se processou na Europa desde o início do período moderno. Os trabalhos de classificar, descrever e comparar se constituíram como etapas da formulação de conhecimento sobre o mundo natural inventariado. Tais procedimentos oriundos dos gabinetes (classificação e descrição) perduraram no tempo e se consolidaram na forma de trabalho dos naturalistas do século XIX e de meados do XX (BURKE, 2003).

Em todos os ambientes, dos gabinetes de curiosidades aos museus de História Natural, a preocupação com a conservação e exibição dos espécimes animais foi um elemento central.

2. Taxidermia: os animais como objetos culturais e o surgimento de um artefato educativo

A taxidermia é uma técnica utilizada para conservar, dar forma e montar as peles de animais, transformando-as em artefatos com “aparência de vida”. Por se tratar de um produto perecível, até o final do século XVIII, não faltaram tentativas de desenvolver técnicas de conservação das peles espoliadas de animais, condição indispensável para mantê-las intactas nas viagens transoceânicas e conferir longevidade aos animais estufados com palha (empalhados) e às coleções dos gabinetes. Naturalistas como Réamur (1683-1757), Turgot (1721-1789) e Kuckahn (s.d.-1776), cada um à sua maneira, indicavam o emprego de substâncias químicas – terebentina, alúmen, cânfora, enxofre e álcool – combinado com o uso de fornos para dessecar e eliminar a gordura residual das peles. Entretanto, tal procedimento não livrava os espólios da putrefação e da atração de insetos, além de desfigurar os animais (FARBER, 1977). No período, não eram infrequentes as queixas como a do naturalista Abade Manesse (1743-1820): “os naturalistas sinceros concordam ser impossível conservar por muito tempo animais cheios; e que apesar de qualquer precaução que se tome, virão a ser, ou cedo ou tarde, pasto de inseto” (MANESSE, 1800, p. 4). De acordo com o estudioso:

Desenvolver uma técnica capaz de livrar os animais dos ataques de insetos e ainda permitir sua exposição fora de caixas escuras ou vidros era de vital importância. A busca incessante pela apreensão da técnica correta esteve diretamente relacionada ao

grande desenvolvimento comercial ligado à expansão dos hábitos colecionistas e foi um dos maiores problemas enfrentados pelos naturalistas até o século XIX (FARBER, 1977, p. 550).

A partir do desenvolvimento do sabão de arsênico por Bécouer (1718-1777), ocorreu uma grande evolução das técnicas de conservação³. O tratamento com esse produto tornava o artefato inóspito a parasitas. A fórmula contribuiu para o aumento significativo da vida útil das peças e as preparações dos animais puderam, enfim, ficar expostas diretamente ao olhar. Destaca-se que a própria cunhagem do termo “taxidermia”, ocorrida somente no início do século XIX, está diretamente ligada aos progressos das técnicas de conservação das peles, dos espólios dos animais (MADI FILHO, 2013). O desenvolvimento técnico da taxidermia interessou ao próprio progresso dos estudos da área da Zoologia, pois o naturalista poderia, dessa forma,

reunir em suas mãos, e em seu pequeno espaço, os numerosos conjuntos de animais que povoavam toda a superfície do mundo. Sem sair de seu gabinete, ele pode comparar o tigre da Índia com o jaguar da América [...] ele pode, do fundo de seu gabinete, identificar os erros do viajante impulsionado por seu amor ao maravilhoso (BOITARD, 1852, p. 06)⁴.

O naturalista Boitard foi enfático ao sugerir que a taxidermia tornou superlativa a ênfase documental desse tipo de artefato ao propiciar a reunião de um histórico da natureza de diversas partes do mundo, permitindo ao estudioso trabalhar por horas comparando os animais imóveis à sua frente. Destaca-se ainda sua afirmação de que o desenvolvimento técnico teria contribuído para desmistificar a natureza exótica.

O desenvolvimento da técnica de conservação das peles e de montagem dos artefatos foi acompanhado da preocupação estética, um dos vetores presentes na taxidermia. Nenhum detalhe devia ser desprezado na incessante busca pela aparência de vida. A confecção de olhos artificiais ganhou relevo por ceder maior expressividade ao objeto. Fábricas e oficinas especializadas em artigos de vidro passaram a produzir para esse mercado e, em pouco tempo, do final do século XVIII em diante, os preparadores podiam contar com diferentes tamanhos e curvaturas de lentes, além de várias tonalidades de cores, para uma escolha mais condizente com a espécie a ser

³ O uso do arsênico nas conservações e preparações dos animais, desde então, foi muito difundido, sendo possível detectá-lo até o fim do século XX (PÉQUIGNOT, 2003, p. 5).

⁴ No original: *c'est par elle que le naturaliste peut reunir sous sa main, et dans un très-petit espace, les nombreuses tribus d'animaux qui peuplent toute surface du monde. Sans sortir de son cabinet, il peut comparer le tigre de l'Inde au jaguar d'Amérique [...] il peut, du fond de son cabinet reveler les erreurs du voyageur entraîné par son amour le merveilleux.*

trabalhada. Vernizes e esmaltes garantiam a aparência lacrimosa do olho artificial do animal (MADI FILHO, 2013).

Outra especialização do trabalho do taxidermista visou à reprodução dos movimentos dos animais. Elementos como o repouso do animal – se sobre o chão ou se sobre galhos –, as características de sua locomoção, o apoio sobre suas patas – se este se fazia pelo calcâneo ou pelos dedos –, as características das aves enquanto voavam, o modo de bater as asas e a sua envergadura, os hábitos alimentares etc. passaram a interessar ao taxidermista preocupado em transmitir uma “verdade” sobre a natureza.

O naturalista Alléon rendeu tributos à taxidermia ao reconhecê-la como importante instrumento para o avanço da História Natural, para o estudo e a classificação das espécies, e sinalizou a aproximação profícua entre arte e ciência:

De fato, a arte tem uma grande importância mesmo do ponto de vista científico, pois a coloração e a aparência dependem frequentemente do lugar atribuído à pele. A fisionomia e a pose de um animal não são menos essenciais, pois elas conservam todo tipo de caractere etnológico que lhe é próprio. Apenas o longo e minucioso estudo da natureza é capaz de nos informar sobre esse importante ponto. Resta poder, pelos limitados modos que nós possuímos, reproduzir mais ou menos fielmente o que vemos (ALLÉON, 1889, p. 4)⁵.

Com o desenvolvimento técnico e artístico, tomou corpo o recurso da “teatralização”, da recriação de cenas da natureza selvagem ou da relação entre animais e humanos. Animais passaram a ser taxidermizados simulando ataques a suas presas e a seres humanos ou, simplesmente, movimentos e hábitos cotidianos. Além disso, ao longo do século XIX, nos museus de História Natural europeus e americanos, entraram em cena os dioramas, uma técnica expositiva que recria o bioma para inserir os animais taxidermizados em um simulacro de seu ambiente natural (PÉQUIGNOT, 2003). Em um mundo cada vez mais urbanizado, os museus favoreciam o contato com a natureza por meio de suas janelas oferecidas ao público.

A união entre os desenvolvimentos científico, técnico e artístico possibilitou ao taxidermizado ser, ao mesmo tempo, objeto contemplativo, artefato de estudo da natureza e material didático. O seu potencial didático foi propagandeado nas Exposições

⁵ No original: *En effet, l'art a ici une grande importance même au point de vue scientifique, car la coloration et le facies dépendent souvent de la place qu'on assigne à la peau. La physiologie et la pose d'un animal ne sont pas moins essentielles, car elles conservent à chaque genre le caractère ethnologique qui lui est propre. L'étude longue et minutieuse de la nature est seule capable de nous renseigner sur ce point important. Reste à pouvoir, par les faibles moyens qui nous sont dévolus, reproduire plus ou moins fidèlement ce que nous voyons.*

Universais. Em 1851, na Exposição Universal de Londres, os taxidermizados foram expostos segundo a categoria “ornamentos”. Nas exposições seguintes (1855, 1862, 1876 e 1889), foi destacado seu valor pedagógico, e as coleções de animais passaram a partilhar, junto a outras, do processo de renovação curricular e metodológica da escola (MADI FILHO, 2013).

Tal processo de renovação curricular e pedagógica, que abriu as portas da escola para a entrada de um sem-número de artefatos, foi constituído pela ação de comerciantes de materiais didáticos empenhados em estimular e suprir as demandas escolares. Muitas empresas, além de comercializar objetos e instrumentos para o ensino de Física, Química, Geografia, História Natural etc., apresentavam animais taxidermizados em seus catálogos.

Empresas como as francesas Maison Deyrolle (posteriormente, Les Fils D'Émile Deyrolle) e Paul Rousseau & Cie, a alemã Koehler & Volckmar e as brasileiras Otto Bender e Fauna Brasil (LTDA), por exemplo, expunham em seus catálogos aves, mamíferos, peixes e répteis taxidermizados, de diversas espécies e oriundos de todos os continentes do planeta, expressando uma rede internacional de caçadores, coletores, taxidermistas e negociantes, mobilizada por empresas estrangeiras para fomentar o colecionismo escolar e empenhada na apropriação de animais taxidermizados pelas instituições de ensino.

3. Notas sobre a gênese e os lugares da coleção de animais taxidermizados do Colégio Marista Arquidiocesano

Os Irmãos Maristas chegaram à cidade de São Paulo em 1908 para assumir a administração do Colégio Diocesano, mas o início da formação da coleção de animais taxidermizados da instituição é anterior a essa data. Sua gênese remonta à segunda metade do século XIX. No ano de 1856, Dom Antonio Joaquim de Melo, bispo da cidade de São Paulo, fundou o Seminário Episcopal. A instituição, então sediada no bairro da Luz, compunha-se do Seminário Maior, destinado aos ordinandos, ao futuro corpo clerical, e do Seminário Menor (mais tarde Colégio Diocesano), ocupado do Ensino Secundário e da formação dos estudantes para os exames preparatórios do Império. De 1856 a 1878, o seminário foi dirigido pelos Capuchinhos de Savoia.

Em 1858, o capuchinho frei Germano de Annecy⁶ foi designado para integrar o corpo docente daquela instituição. Meteorologista, astrônomo e naturalista, foi professor de Física, de Matemáticas e de Astronomia e o responsável pela projeção de relógios de sol e pela organização de espaços de ciências para abrigar instrumentos de Física, além de uma coleção de História Natural. Com efeito, há poucas menções e nenhuma descrição pormenorizada com relação aos itens que compunham o museu de frei Germano. Para J. J. Tschudi, que visitou o seminário em meados de 1860, tratava-se de um “pequeno museu de História Natural”; para o imperador Dom Pedro II, que esteve na instituição em 1875, o gabinete de História Natural era apenas “sofrível” (MADI FILHO, 2022, p. 165 e 169).

A documentação consultada permite afirmar que frei Germano colecionava gafanhotos, besouros e borboletas, mas não só. No dia 15 de abril de 1864, em uma sessão inflamada da Assembleia Legislativa da Província, o deputado Clemente de Souza, ao tecer críticas ao seminário, queixou-se da quantia de verba pública dispendida pelos capuchinhos na manutenção dos jardins e hortas, na organização do observatório astronômico e na compra de objetos e instrumentos para o ensino. Na ocasião, o deputado concluiu o raciocínio inquirindo: “Só em bicho e pássaro para o museu quanto não tem ido?”⁷.

Esses exemplos nos parecem suficientes para afirmar que a coleção de animais taxidermizados começou a ser formada já na década de 1860, embora não seja possível determinar quais peças do atual acervo dos maristas são remanescentes daquela época. Os Capuchinhos de Savoia deixaram a direção da instituição em 1878. Em razão de questões testamentárias estipuladas pelo bispo Dom Antonio, o patrimônio estruturado na época dos capuchinhos permaneceu no colégio, e os padres diocesanos, que haviam sido formados no Seminário Episcopal, assumiram a direção da entidade (MARTINS, 2006, p. 215-217).

Ao que tudo indica, os padres diocesanos atuaram para incrementar as coleções de instrumentos e objetos científicos que herdaram dos capuchinhos. Por satisfazer as exigências do Decreto n. 3491, de 11 de novembro de 1889, que, entre outras resoluções, determinava a frequência mínima de alunos, a observação específica de programas de ensino, os espaços escolares e os materiais didáticos, aí inclusos os

⁶ Vale indicar que a vida e a obra desse polímata foram objeto de estudo da tese intitulada *Frei Germano de Annecy (1822-1890): lugares, saberes e práticas* (MADI FILHO, 2022). Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/30940>. Acesso em: 6 dez. 2023.

⁷ A edição do *Correio Paulistano* de 28 de fevereiro de 1864 publicou a transcrição da 38ª sessão Ordinária da Assembleia Legislativa Provincial. Na ocasião, o deputado Clemente de Souza teceu críticas ao Seminário Episcopal de São Paulo.

instrumentos e os objetos para o ensino de ciências, o Colégio Diocesano conquistou sua equiparação ao Ginásio Nacional (antigo Colégio de Pedro II). Com a publicação do Decreto n. 3.730, no dia 4 de agosto de 1900, o Diocesano se tornou o segundo colégio do estado de São Paulo a ser equiparado à instituição modelar, o que permitia aos seus alunos acessar o Ensino Superior do país sem a necessidade de se submeterem a avaliações externas (PEDRO, 2014, p. 9).

Mas, antes disso, em 31 de julho de 1900, o colégio recebeu a visita de um comissário fiscal que atestou as condições do colégio:

Alem das excelentes condições higiênicas dessa instituição de ensino a qual funciona em edifício construído especialmente para o fim de educar avultado número de alunos, verifiquei que se acha munido de mobília escolar em tudo conforme com as prescrições da Pedagogia Moderna, como também de Laboratórios, gabinete e aparelhos necessários para o ensino das Sciencias Physicas e Naturaes⁸.

Em seu relatório, o representante do governo, além de tecer elogios às mobílias e instalações da instituição, citou os aparelhos e instrumentos presentes no gabinete de Física, no laboratório de Química e no museu do Colégio Diocesano, onde se guardavam coleções mineralógicas, de conchas e de animais, esta última assim descrita: “coleção regular de aves, quadrupedes, phibios, peixes e cobras embalsamados [...]”⁹.

Para permanecer equiparado, o colégio deveria se submeter às visitas periódicas do delegado fiscal de ensino responsável por atestar o cumprimento das normas e diretrizes estabelecidas pelo Ginásio Nacional, indicando, se não a expansão, ao menos a manutenção das condições já verificadas (PEDRO, 2014, p. 3).

Em 1904, colégio e seminário se separaram, e, em 1908, a pedido do então arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva, a instituição passou a ser dirigida pelos “Irmãos Maristas, congregação francesa, dedicada a educação, fundada pelo Padre Marcelino Champagnat” (BRAGHINI; PEDRO; PIÑAS, 2011, p. 3).

A Congregação dos Irmãos Maristas recebeu então a direção de uma instituição de ensino já equiparada ao Ginásio Nacional. Com a elevação da Diocese de São Paulo à arquidiocese, a instituição mudou de nome, passando a se chamar Colégio Marista Arquidiocesano, denominação mantida até hoje.

⁸ EQUIPARAÇÃO 1900 (Arquivo Nacional IE – 134). Neste artigo, estamos seguindo estritamente a grafia presente na documentação consultada.

⁹ EQUIPARAÇÃO 1900 (Arquivo Nacional IE – 134).

A organização da cultura escolar da Congregação dos Irmãos Maristas tinha como suporte o *Guia das escolas para uso nas casas dos Pequenos Irmãos de Maria*. Trata-se de um material publicado pela primeira vez no ano de 1853 destinado a garantir uniformidade e a fornecer um referencial pedagógico para o ensino dessa congregação, que se espalhava pela França e fora dela¹⁰. O conteúdo do guia disciplinava tanto aspectos educativos quanto instrutivos, contemplando temas relativos à formação religiosa, à disciplina, ao cotidiano escolar, à organização dos espaços escolares, aos métodos e aos materiais de ensino (PIÑAS, 2014).

Com relação à organização dos espaços escolares, dos métodos e dos materiais de ensino, o guia acompanhava as inovações pedagógicas do período relativas à entrada das ciências no currículo escolar e à ascensão de práticas ligadas ao ensino intuitivo, à educação dos sentidos. Orientava ainda a construção do conhecimento a partir de princípios gradativos, do concreto para o abstrato, das coisas aos conceitos, “apresentando às crianças objetos, e chegando aos poucos às noções ordinárias de ciência, sob a forma experimental. Em suma, é o conhecimento rudimentar das ciências físicas e naturais, transmitido por procedimentos intuitivos” (FURET, 2010, p. 243).

Para construir o conhecimento seguindo tais princípios, era conveniente que houvesse coleções de objetos tão diversificadas quanto fossem os conteúdos escolares, pois “aproveita-se da atração que os objetos exercem sobre as crianças para tornar o ensino intuitivo e visual, quando isto for possível” (FURET, 2010, p. 38).

A ênfase dada a essa metodologia recaía no desenvolvimento da faculdade de observação por parte dos alunos, não bastando ao professor transmitir-lhes conhecimentos variados e numerosos, ele devia “desenvolver-lhes o espírito, ensiná-los a observar com atenção o que se passa ao seu redor [...]” (FURET, 2010, p. 35).

Para o guia, a qualidade de observar era preciosa e requisito para a formação de pessoas conscientes, reflexivas e distintas, pois “descobre-se, num objeto que se examina, grande quantidade de propriedades. Num fato que se pesquisa irrompem circunstâncias que ficariam despercebidas à pessoa dissipada que olha tudo de maneira superficial” (FURET, 2010, p. 39).

O desenvolvimento da faculdade de observar dos alunos era a prerrogativa da metodologia de ensino encampada pela Congregação dos Irmãos Maristas. Sob o

¹⁰ O guia das escolas maristas teve seis reedições, sendo considerado um importante documento normativo da Congregação dos Irmãos Maristas até o ano de 1960, data em que o Concílio Vaticano II estabeleceu novas diretrizes para a educação da juventude (PIÑAS, 2014, p. 18).

comando dos maristas, a coleção de animais taxidermizados do colégio cresceu, a exemplo dos demais objetos e instrumentos disponibilizados para o ensino.

Entretanto, com a Reforma Rivadavia Correa, de 1911, que, entre outras determinações, revogou as prerrogativas de equiparação ao Ginásio Nacional em todo o território nacional, o Colégio Marista Arquidiocesano perdeu sua distinção institucional. O colégio só voltaria a ser uma instituição equiparada com a Reforma Francisco Campos, de 1931, que, de maneira geral, pôs fim aos exames preparatórios, transformou o Ensino Secundário em nível escolar obrigatório e seriado e cedeu mais espaço no currículo escolar para as disciplinas científicas, além de reestabelecer a concessão da equiparação aos estabelecimentos particulares de Ensino Secundário, definindo as estratégias de inspeção pública, ampliando e refinando as exigências para a obtenção de tal título (PEDRO, 2014, p. 50).

Nesse intervalo de tempo, ao que tudo indica, o colégio seguiu investindo na melhoria de suas instalações e na aquisição de novos objetos e instrumentos destinados ao ensino de ciências. A edição do ano de 1918 da revista *Échos*¹¹ mencionou que os alunos eram testemunhas dos melhoramentos introduzidos pela instituição, pois foram

Elles que viram inaugurado seu laboratório em edifício próprio e isolado, tão aprazível e commodo; que viram seu museu de historia natural enriquecido com innumerous especimens frequentemente manuseados e estudados; que viram seu gabinete de physica provêr-se de tantos e tantos instrumentos de incontestavel valor tecnico e immensa utilidade para o ensino intuitivo (ÉCHOS, 1918, p. 24, grifo nosso).

Da leitura do trecho depreende-se que o colégio católico propagandeava seus esforços para manter a instituição na vanguarda educacional do país e que isso passava não somente pela compra de instrumentos de Física ou pela inauguração de um cômodo específico para o laboratório de Química, mas também pela aquisição de “inúmeros espécimes” para o museu de História Natural.

Na fotografia, vê-se uma imagem do Museu do Colégio Marista Arquidiocesano que consta no relatório de equiparação de 1933, encaminhado ao Departamento Nacional de Ensino. Ela faz referência à época em que o colégio estava localizado no bairro da Luz. Trata-se de imagem referente a um cenário preparado para figurar em um processo oficial; mesmo assim, uma rápida análise nos permite entrever uma quantidade variada de artefatos: pedras, quadros, vidraria, objetos indígenas, galhadas,

¹¹ A revista *Échos* foi uma publicação de divulgação anual das atividades do Colégio Marista Arquidiocesano. Ela começou a ser publicada em 1908 e terminou em 1963.

esqueleto humano, um modelo humano esfolado, peles de animais, serras de peixes e uma quantidade significativa de animais taxidermizados, em sua maioria aves. Chamamos a atenção o fato de que, aparentemente, esses artefatos estavam armazenados de maneira inadequada, em armários sem portas, expostos à poeira e com lâmpadas internas, o que oferecia risco de incêndio.

Figura 1 – Fotografia com parte da coleção de História Natural – sede da Avenida Tiradentes



Fonte: Processo de Equiparação, 1933 (Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano).

Em 1935, a instituição foi transferida para a atual sede, na Vila Mariana¹². A mudança de sede teve como consequência a valorização dos espaços escolares. Segundo as palavras do inspetor federal:

A instalação nova do Colegio no amplo e sumptoso edifício actual trouxe como consequencia a ampliação de todo o material nas vastas salas de Physica, Chimica, Historia Natural e outras, o que vem sendo feito de maneira a em breve ser um dos melhores congeneres (INSPECTOR FEDERAL *apud* COLLEGIO ARCHIDIOCESANO, 1935, p. 17).

Com efeito, as impressões do inspetor federal não estavam erradas. O Colégio Marista Arquidiocesano registra que em agosto de 1934 foram gastos 165.000 réis com “aves embalsamadas” e, em janeiro de 1935, 150.000 réis com o “Museu de História Natural” (COLLEGIO ARCHIDIOCESANO, 1935, p.13).

¹² A realidade material do Colégio Marista Arquidiocesano contrastava com a da maioria das escolas públicas do estado de São Paulo, principalmente se levarmos em conta a situação de precariedade das escolas isoladas e a carência de vários grupos escolares. Souza (2009, p. 39) aponta que em 1935, dos 597 grupos escolares, 182 estariam equipados com museus e 21 com gabinetes e laboratórios, ou seja, apenas 34% do total.

No novo endereço da Vila Mariana, a coleção de animais taxidermizados, alocada junto às demais coleções de História Natural, foi disposta em armários novos, amplos e envidraçados, revelando maior cuidado da instituição no trato com seus artefatos.

Figura 2 – Museu de História Natural



Fonte: Processo de Equiparação, 1940 (Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano).

Figura 3 – Museu de História Natural



Fonte: Processo de Equiparação, 1940 (Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano).

As duas imagens expõem os materiais de que a escola dispunha para as aulas de História Natural. A coleção de animais taxidermizados era parte constituinte da coleção de Zoologia, junto com esfolados, que são peças anatômicas para o estudo do corpo humano, quadros parietais e modelos anatômicos. Os armários abrigavam ainda coleções mineralógicas e botânicas.

Os animais taxidermizados fizeram parte do rol dos objetos e instrumentos vetores da modernidade escolar da virada do século XIX, quando o discurso pedagógico do uso dos sentidos determinava a relação de ensino e aprendizagem e ditava o caráter prático da escolarização. No entanto, alterações posteriores nas prescrições didáticas refletiram diretamente em uma gama de objetos escolares que, de cruciais para a modernização do ensino em dada época, foram relegados ao desuso ou tiveram sua função deslocada (LAWN; GROSVENOR, 2005, p. 7).

4. Análise da coleção de animais taxidermizados do Colégio Marista Arquidiocesano

Os artefatos que sobreviveram à ação do tempo e ao descarte constituem hoje uma coleção de 109 peças. Não foi possível detectar os estabelecimentos que comercializaram esses artefatos para o Colégio Marista Arquidiocesano. As peças da coleção foram inspecionadas em busca de marcas de carimbo ou etiquetas que denotassem sua origem, mas estas foram retiradas e não foi possível o seu reconhecimento. No entanto, no colégio, encontramos catálogos das empresas Deyrolle e Koehler & Volckmar. Além disso, o taxidermista Juliano Ferdinando e a empresa dos irmãos Del Guerra mantiveram anúncios nos jornais da capital paulista oferecendo seus serviços e comercializando animais taxidermizados nas décadas de 1930 e 1940.

Para darmos início à análise da coleção, quantificamos os exemplares taxidermizados de cada classe de animal presente no acervo: peixes (4), répteis (12), mamíferos (29) e aves (64)¹³. Não constatamos a presença de anfíbios taxidermizados, porém o colégio apresenta numerosos exemplares dessa classe e de répteis conservados em meio líquido. Verificamos que se trata de uma coleção constituída de 78 espécies, em sua quase totalidade com ocorrência em biomas presentes no Brasil: Mata Atlântica, Floresta Amazônica e Cerrado.

A utilização da coleção de animais taxidermizados do Colégio Marista Arquidiocesano como objeto e como fonte de pesquisa a respeito do estágio de

¹³ Os números entre parênteses correspondem à quantidade de exemplares do acervo.

desenvolvimento da História Natural no período e no contexto educacional de fins do século XIX e meados do século XX nos levou a desconsiderar a classificação taxonômica dos espécimes do acervo que havia no colégio, pois a taxonomia atual leva em conta aspectos genéticos dos animais. Para os objetivos deste trabalho, tal anacronismo promoveria o apagamento da relação existente entre as justificativas da época para a formação de coleções de taxidermizados e uma taxonomia realizada com base no trabalho de classificação pela observação e descrição dos aspectos morfológicos dos animais, isto é, de suas partes exteriores. Por isso, recriamos a classificação taxonômica dos espécimes da coleção com base em dois livros presentes no arquivo do colégio, quais sejam o *Dicionário dos animais do Brasil* (1940), de Ihering, e o livro didático *História Natural* (1935), de Ignacio Puig¹⁴.

O critério estabelecido foi o de verificar as classes e as ordens de animais contempladas pela coleção, buscando uma correlação entre os espécimes do acervo e os animais mencionados no livro didático encontrado no colégio. A correlação entre os artefatos presentes no colégio e as espécies citadas no livro didático *História Natural* (PUIG, 1935) é identificada nos quadros pelo asterisco (*). Indicamos também o uso de nomes populares e o número de exemplares de cada espécie presente no acervo de taxidermizados do colégio. Vejamos a lista de exemplares de peixes.

Quadro 1 – Colégio Marista Arquidiocesano: quadro referente à classe dos peixes, apresentada por suas ordens e pelo número de exemplares

Ordem	Animais
Cyclostomos	-----
Selacios	1 raia*
Ganoides	-----
Teleosteos	2 piranhas

Fonte: Quadro elaborado com base no número de peixes do acervo da escola e segundo a classificação estabelecida pelo livro *História Natural* (1935), de Puig.

¹⁴ Para melhor embasar esse estudo, comparei o livro de História Natural de Puig (1935) com outros títulos encontrados na Biblioteca do Livro Didático, a saber: *História Natural* (s/d), de Luiz Menezes; *Elementos de História Natural* (1918), de Antonio Machado, Julio Henriques e Frederico Simas; *Elementos de História Natural segundo os programmas officiaes* (1923), de Collecção F.T.D.; e *Curso elementar de História Natural* (1933), de Carlos Leitão-Mello. Em função de as datas de publicação não serem as mesmas, os livros apresentam pequenas diferenças em relação aos nomes de algumas ordens de animais. No entanto, eles se igualam no fato de não conterem exercícios, de serem bastante descritivos e de apresentarem espaço para o estudo da Zoologia com base na sistemática da taxonomia. Pelo fato de haver correspondência entre os títulos, julgo que não há prejuízo em utilizar o livro de Puig, que foi encontrado no acervo da escola, para falar da coleção de animais taxidermizados da instituição.

A escola possui ainda um peixe-trombeta, não incluso no quadro porque sua ordem não era citada nos livros didáticos do período. Nota-se a ausência de representantes das ordens Cyclostomos, que inclui lampreias e peixes-bruxa, e Ganoides, constituída de esturjões, pirarucus etc.

Em seguida, temos a classe dos répteis, que apresentam exemplares nas quatro ordens mencionadas no livro didático.

Quadro 2 – Colégio Marista Arquidiocesano: quadro referente à classe dos répteis, apresentada por suas ordens e pelo número de exemplares

Ordem	Animais
Ophidios	2 jiboias*
Saurios	1 iguana*, 2 teiús*
Emidosaurios	4 jacaretingas, 1 jacaré*
Chelonios	2 tartarugas*

Fonte: Quadro elaborado com base no número de répteis do acervo da escola e segundo a classificação estabelecida pelo livro *História Natural* (1935), de Puig.

Quanto aos mamíferos, eles representam um significativo aumento de exemplares em relação às classes anteriores, como veremos no quadro a seguir.

Quadro 3 – Colégio Marista Arquidiocesano: quadro referente à classe dos mamíferos, apresentada por suas ordens e pelo número de exemplares

Ordem	Animais
Marsupiais	1 gambá*
Desdentados	4 tatus-galinha*, 1 tamanduá-mirim, 1 tamanduá
Cetaceos	-----
Perysodactylos	-----
Artiodactilos	3 porcos-do-mato*
Probiscidios	-----
Pinnipedes	-----
Carnivoros	3 iraras-papa-mel*, 2 onças-pintadas*, 2 gatos-maracajá, 1 suçuarana*, 1 gato-mourisco, 1 furão, 1 cachorro-do-mato*
Roedores	2 esquilos*
Insectivoros	1 ouriço-cacheiro*
Cheiropteros	1 morcego*
Primates	2 saguis-da-cara-branca*, 1 uacari-vermelho, 1 cuxiú-preto

Fonte: Quadro elaborado com base no número de mamíferos do acervo da escola e segundo a classificação estabelecida pelo livro *História Natural* (1935), de Puig.

Algumas ordens de mamíferos impõem dificuldades de acondicionamento de seus exemplares. Por exemplo, os Cetáceos, representados por mamíferos aquáticos como o narval, o cachalote e a baleia, que chegam a medir 25 metros e a pesar toneladas, e os Pinnípedes, outra ordem de mamíferos marinhos, representada por leões-marinhos, morsas e focas, estão ausentes das prateleiras dos taxidermizados. Os Proboscídeos, representados pelos elefantes, oferecem o mesmo tipo de dificuldade.

A última classe apresentada é a das aves. Vejamos.

Quadro 4 – Colégio Marista Arquidiocesano: quadro referente à classe das aves, apresentada por suas ordens e pelo número de exemplares

Ordem	Animais
Palmípedes	1 irerê*, 1 biguá*, 1 gaivota*, 1 biguatinga
Pernaltas	4 socós-boi*, 1 socoi 1 garça-maguari, 2 quero-queros, 1 garça-branca-grande*, 1 socozinho, 1 garça-branca-pequena*, 1 frango-d'água*, 1 saracura-três-potes*, 1 socó-dorminhoco, 1 narceja*
Cursoras	-----
Gallinaceas	1 zabelê, 1 mutum, 1 perdiz*, 1 jacu*, 1 faisão-dourado*, 1 jacu-cigana
Columbideos	-----
Passaros	2 chupins, 1 pavó, 2 gralhas-do-campo*, 1 galo-da-serra, 1 anambé-preto, 1 anambé-azul, 1 anambé-vermelho, 1 pavãozinho-do-Pará, 1 arapuçu-espinhoso, 1 sanhaço-frade, 1 sanhaço-azul, 1 pássaro-preto
Trepadoras	1 alma-gato, 2 pica-paus*, 2 araçaris-poca, 1 tucano-toco*, 2 tucanos-de-bico-preto*, 1 anu-branco*, 1 martim-pescador*, 1 juruva, 3 periquitos-estrela*, 1 arara-vermelha*, 1 araçari-castanho
Rapaces	1 gavião-pombo-grande*, 1 gaviãozinho*, 2 gaviões-carijós*, 1 gavião-preto*, 1 gavião-sauveiro*, 1 urubu-rei*, 1 gavião-pega-macaco, 1 coruja-de-orelha

Fonte: Quadro elaborado com base no número de aves do acervo da escola e segundo a classificação estabelecida pelo livro *História Natural* (1935), de Puig.

Pelo quadro se nota que não há exemplares de aves da ordem Cursoras na coleção. A explicação pode ser a mesma que utilizamos para as ordens dos mamíferos sem representantes. As Cursoras apresentam indivíduos muito grandes, como as emas e os avestruzes, o que certamente dificultaria sua guarda no acervo ou seu deslocamento pela escola.

Da análise dos quadros, depreendem-se duas considerações. A primeira é que o Colégio Marista Arquidiocesano exerceu certa predileção por aves e, em menor grau, por mamíferos. Apesar de ambas as classes serem as mais representativas, a diferença entre elas na coleção é grande, o que talvez se deva ao fato de que na natureza brasileira há ocorrência de pelo menos 1.832 espécies de aves, segundo dados do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2010), enquanto os mamíferos são representados por pouco mais de 700 espécies (PAGLIA *et al.*, 2012).

A segunda é sobre a relação entre as espécies na coleção e no livro *História Natural* (PUIG, 1935). Embora não seja possível afirmar uma relação determinista, destaca-se que o colégio apresentava ao menos um indivíduo em comum em 20 das 28 ordens presentes no livro didático de Puig. A correspondência entre os itens do acervo e do livro didático sugere que esses materiais poderiam ser mobilizados numa relação de complementaridade pelo professor de História Natural.

Tal relação é ainda mais evidente quando se coteja o material didático com os artefatos presentes na coleção, como no exemplo a seguir.

Figura 4 – Montagem realizada com a imagem de um taxidermizado e um recorte do livro *História Natural*, de Puig (1935)



Fonte: Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano. Fotos e montagem: J. M. I. Madi Filho (2012).

Na imagem, observamos as fotografias de um faisão-dourado, de suas patas e de uma gravura da pata de um galináceo presente no livro didático de Puig. Para o estudo da zootaxonomia, o livro apresenta o nome da ordem a ser estudada e alguns

exemplos de espécies, seguidos de gravuras do animal em sua unidade orgânica somadas a outras que mostravam apenas as estruturas morfológicas que lhe conferiam a classificação taxonômica. É o caso dos galináceos, cuja ordem é descrita da seguinte maneira: “Os Gallinaceos são aves com a mandíbula superior abobadada, tres dedos voltados para frente, unidos na base por uma pequena dobra e um dedo para trás” (PUIG, 1935, p. 472).

Exemplos como esse dos galináceos estão espalhados pelo livro didático de História Natural de Ignacio Puig, sugerindo que, no estudo da morfologia dos animais e de sua classificação taxonômica, o olhar do aluno deveria ser educado para conhecer, no detalhe, o elemento definidor de cada um. As coleções de taxidermizados permitiam que esse estudo seguisse os preceitos do método intuitivo, partindo dos objetos para as abstrações dos conceitos.

Mas, para além dessa relação entre a coleção de taxidermizados e os livros didáticos de História Natural, a análise dos artefatos revelam outras informações a respeito das peças que formam o acervo. Em alguns casos, as montagens, apesar de serem bem executadas, podiam ser bastante simples, constituídas apenas de um animal sobre a base de maneira que lhe fornece sustentação.

Figura 5 – Taxidermizados: frango-d’água, biguatinga e perdiz



Fonte: Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano. Fotos: J. M. I. Madi Filho (2012).

Esses são os casos das aves frango-d’água, biguatinga e perdiz. Trata-se de animais oriundos de ordens diferentes que receberam o mesmo tratamento artístico, sem nenhuma pretensão de atribuir à montagem qualquer característica específica de sua espécie.

Entretanto, muitas outras montagens buscavam um relacionamento maior entre o animal e a sua base para comunicar ao espectador algumas características específicas das espécies taxidermizadas, como se pode observar a seguir.

Figura 6 – Taxidermizados: tamanduá-mirim, iguana e pica-pau-de-topete-vermelho



Fonte: Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano. Fotos: J. M. I. Madi Filho (2012).

A montagem do tamanduá-mirim, com aparência vívida, simulando uma movimentação sobre um galho, comunica que esse animal é arborícola. Esse é o mesmo caso do iguana, uma espécie de réptil igualmente arborícola. Já o pica-pau é apresentado com suas patas prendendo um galho para evidenciar sua característica de trepador; entretanto, em sua montagem o galho é prolongado até a frente de seu bico para definir seu comportamento, seu hábito de bicar as árvores para caçar insetos. Na taxidermia de vários animais que compõem o acervo do colégio, houve o trabalho de conferir ao animal características comportamentais. Na verdade, a técnica propicia que se isole uma característica e que se veicule uma ideia de natureza que se fixa no artefato. Na figura seguinte, vê-se um gato-mourisco.

Figura 7 – Taxidermizado: gato-mourisco



Fonte: Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano. Foto e montagem: J. M. I. Madi Filho (2012)

O referido animal é classificado na família dos Felídeos, que são assim definidos: “São muito ferozes, corredores velozes e trepadores” (PUIG, 1935, p. 507). Ora, na imagem tem-se a comunicação entre o animal e a base, passando a ideia de agilidade para a subida em galhos, em árvores. Seus dentes são evidenciados pelo fato de o animal ter sido taxidermizado com a boca aberta, mostrando-os em favor de uma ideia de ferocidade que se completa com a expressão de destreza em seu olhar.

Tais preparações vão além de oferecer o animal como mero arquivo da natureza. A maneira como algumas peças foram preparadas chama a atenção para aspectos que não se esgotam na morfologia, ou seja, nos elementos externos que permitem fazer uma classificação taxonômica. Além da aparência de vida, o artifício buscado em algumas preparações foi o aspecto comportamental, o *modus vivendi* do animal na natureza. Para essa apreciação, destaquei alguns animais do acervo.

Nesse sentido, a coleção de animais do Colégio Marista Arquidiocesano pode ser compreendida como depositária de uma tradição construída e muito valorizada na história da taxidermia. Não por acaso, nas Exposições Universais, eram constituídos júris para avaliar as montagens apresentadas ao público. Em 1862, por exemplo, na Exposição Universal de Londres, o médico Jean Demarquay distinguiu o trabalho do taxidermista Lefrève, enaltecendo “seus animais em repouso ou em ação: suas atitudes, seus movimentos são verdadeiros, os sentimentos que os animam são feitos com um perfeito conhecimento da natureza” (DEMARQUAY, 1862, p. 310)¹⁵. Há ainda no acervo do colégio dois artefatos que superlativam o conceito de “teatralização” das montagens ao recriar cenas da natureza com a interação de duas espécies de animais taxidermizadas, como se pode ver na imagem.

Figura 8 – Taxidermizados: gavião-pega-macaco e gavião-preto atacando suas presas



Fonte: Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano. Fotos: J. M. I. Madi Filho (2012).

¹⁵ No original: *ses animaux au repos ou en action: leurs attitudes, leurs mouvements, sont vrais, les sentiments qui les animent sont rendus avec une parfaite connaissance de la nature.*

Aqui temos um exemplo cabal de como as preparações representavam uma ideia de natureza ao isolar no indivíduo taxidermizado um traço de seu comportamento. As fotografias apresentadas se referem, respectivamente, ao gavião-pega-macaco e ao gavião-preto predando suas presas, dramaticamente preparadas. Para ceder aos gaviões a aparência de vida e a expressão de ferocidade, o artefato foi investido do artifício da “teatralização”. Os olhares fixos, os bicos volteados entreabertos e as posturas inclinadas definindo atitudes de ataque concorrem com as presas desfalecidas em suas garras para recriar as disputas entre os indivíduos que ocupam posições diferentes na teia alimentar. O sagui ganhou marcas em vermelho nas suas patas para representar seu sangue. Esses elementos são capazes de imediatamente alimentar a imaginação do espectador, aluno ou não, com cenas do embate travado entre presa e predador. Tal preparação torna complementar a mediação de demais interlocutores na narrativa a respeito do mundo natural.

A coleção como um todo aproxima aquilo que está longínquo, ou seja, os animais taxidermizados trazem para perto do espectador uma natureza distante, favorecendo o contato visual com algumas espécies que, de outro modo, seria inimaginável. O animal taxidermizado, como mostrado nas fotografias, parece encapsular o tempo, tendo suas características fixadas conforme as habilidades do taxidermista e o que ele pretende informar com a montagem do seu artefato. Como lembra Tania Lima: “O que é informado pelos sentidos – aí incluído o universo material – torna-se uma experiência da consciência. Percepções e sensações configuram o modo como as pessoas sentem o mundo, por meio da vivência prática, cotidiana, individual” (LIMA, 2011, p. 20).

A percepção sensorial dos objetos taxidermizados estava em estreito vínculo com a produção de conhecimento sobre a natureza; animais taxidermizados eram fontes de estudo da morfologia externa e vetores para o conhecimento de suas relações no mundo natural. Pela observação das imagens da coleção, percebe-se que não só os elementos morfológicos, mas também o próprio universo das cores e das formas da natureza presentes nos pelos, nas peles, nas penas, nas patas e nos bicos dos animais, concorriam para a atração da atenção do público escolar. Ora, por meio dos artefatos é possível se admirar com o colorido de um faisão ou com os tons de verde de um iguana; com o aspecto inofensivo de um tamanduá-mirim ou com a ferocidade de um gato-mourisco ou de gaviões.

Vale destacar também, cruzando os dados relativos às espécies que atualmente compõem a coleção de animais taxidermizados do Colégio Marista Arquidiocesano com a publicação da *Atualização da lista oficial das espécies ameaçadas de extinção*,

veiculada pela Portaria MMA n. 148, de 7 de junho de 2022¹⁶, que o acervo dos maristas apresenta exemplares de 12 espécies que se encontram em situação vulnerável ou em perigo de extinção. São elas: tartaruga, tatu, porco-do-mato, tucano-de-bico-preto, onça-pintada, gato-maracajá, gato-mourisco, sagui, cuxiú-preto, zabelê, mutum e jacu.

Os elementos sensoriais vetorizados por tal coleção associados aos dados relativos à situação das espécies que compõem o acervo provavelmente ainda são capazes de ensejar a curiosidade dos alunos, tanto pelos aspectos históricos quanto para a educação ambiental e a conscientização do público escolar a respeito dos aspectos mais gerais da história dos animais.

Considerações finais

O Colégio Marista Arquidiocesano foi inaugurado na cidade de São Paulo em 1908, quando os Irmãos Maristas assumiram a direção do antigo Colégio Diocesano, herdando uma coleção de animais taxidermizados que começou a ser organizada na época do Seminário Episcopal, fundado em 1856. Com os maristas, a coleção cresceu e se diversificou.

Um conjunto de fatores nos auxilia a compreender a presença dos animais taxidermizados na escola entre o século XIX e meados do século XX: esses artefatos foram apropriados porque a materialidade funcionava como disparadora dos saberes produzidos pelos naturalistas; porque sua presença esteve vinculada à entrada das ciências no currículo e também à metodologia que recomendava o uso dos sentidos; porque eram mediadores na tentativa de inculcar nos alunos o método da História Natural (observação, descrição e classificação); e porque eram materiais que apresentavam boa inserção comercial.

Os taxidermizados remanescentes indicam que tal coleção privilegiava exemplares de aves e mamíferos, sendo majoritariamente representativa dos biomas brasileiros. As montagens podiam ser uma fixação simples do objeto em seu suporte ou resultar de uma estratégia comunicativa, evidenciando os movimentos e as características comportamentais das espécies taxidermizadas. Em alguns casos, nota-se que as montagens dos artefatos são investidas de um caráter cênico, uma recriação de cenas da natureza.

¹⁶ MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Portaria MMA n. 148, de 7 de junho de 2022. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Portaria/2020/P_mma_148_2022_altera_anexos_P_mma_443_444_445_2014_atualiza_especies_ameacadas_extincao.pdf. Acesso em: 7 dez. 2023.

Ao longo da década de 1940, as menções aos taxidermizados se tornaram cada vez mais raras na documentação do Colégio Marista Arquidiocesano. Destaca-se que a renovação do ensino de ciências a partir das décadas de 1940 e 1950, que restringiu o estudo da taxonomia, e a promulgação da Lei n. 5.197, de 1967, que dispôs sobre a proteção da fauna, tornando ilegal o exercício da caça profissional e do comércio de espécimes de fauna silvestre cuja existência dependesse do apresamento dos animais, parecem ter contribuído para a mudança de *status* sofrida pela coleção.

Entretanto, tal processo de deslocamento não significou o descarte do material. Atualmente, a coleção compõe o Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano e representa um patrimônio escolar que nos convida a pensar nos aspectos mais gerais da história dos animais e a refletir a respeito de mudanças de sensibilidade e atitude em relação aos entes da natureza.

Referências

- ALLÉON, Amédée. *Nouveaux procédés de taxidermie: experimentes et décrits*. Paris: Éditeur Roret, 1889.
- BAUER, Aaron. *Albertus Seba, Cabinet of Natural Curiosities: the complete plates in colour, 1734-1765*. Koln: Taschen, 2002.
- BOITARD, Pierre. *Nouveau manuel complet du naturaliste préparateur: deuxième partie*. Paris: Librairie Encyclopédique de Roret, 1852.
- BOURGUET, Marie-Noëlle; LACOUR, Pierre-Yves. Les mondes naturalistes (Europe 1530-1802). In: PESTRE, Dominique; VAN DAMME, Stephane (Dir.). *Histoire des sciences et des savoirs (de la Renaissance aux Lumières)*. Paris: Seuil, 2015. p.254-281.
- BRAGHINI, Katya; PEDRO, Ricardo; PIÑAS, Raquel. Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (CBHE), 6., 2011, Vitória. *Invenção, tradição e escritas da história da educação no Brasil*. Vitória: Ufes, 2011. p. 1-11.
- BRAGHINI, Katya. Museu Escolar do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo: planejamento e organização do inventário de materiais científicos. In: SILVA, Ana Paula B.; MOURA, Breno A. (Ed.). *Objetivos humanísticos, conteúdos científicos: contribuições da história e da filosofia da ciência para o ensino de Ciências*. [On-line]. Campina Grande: EDUEPB, 2019. p. 285-316. Disponível em: <http://doi.org/10.7476/9786586221664.0010>. Acesso em: 7 dez. 2023.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- COLLEGIO ARCHIDIOCESANO DE SÃO PAULO. *Secretaria ocorrências diárias*, São Paulo, 1935. [Manuscrito].
- COMITÊ BRASILEIRO DE REGISTROS ORNITOLÓGICOS (CBRO). *Lista de aves do Brasil*, ed. 9, 2010. Disponível em: http://www.cbro.org.br/wp-content/uploads/2020/06/avesbrasil_2010out18.pdf. Acesso em: 7 dez. 2023.
- DEMARQUAY, Jean Nicolas. Anatomie, physiologie et taxidermie. In: CHEVALIER, Michel. (Dir.). *Rapports des membres de la section française du international sur l'ensemble de l'Exposition Universelle*. Paris: Napoléon Chaix et Cie, 1862.

- ÉCHOS do Collegio Archidiocesano de S. Paulo. Ensino Primário, Secundário, Commercial. Antigamente equiparado ao Gymnasio Nacional. São Paulo: Typ. Siqueira, Nagel & Comp., 1918.
- ESCOLANO BENITO, Agustín. Las materialidades de la escuela. In: SILVA, Vera Lúcia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela (Org.). *Objetos da escola: espaço e lugares de constituição de uma cultura material escolar* (Santa Catarina – séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012.
- ESCOLANO BENITO, Agustín. Pragmática de la escuela material de la experiencia. In: BRAGHINI, Katya; MUNAKATA, Kazumi; OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. *Novos diálogos sobre a história da educação dos sentidos e das sensibilidades*. São Paulo: Educ, 2020.
- FARBER, Paul Lawrence. The development of taxidermy and the history of ornithology. *Isis*, v. 68, n. 244, p.550-566, 1977.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FURET, Jean-Baptiste. *Guia das escolas para uso nas casas dos Pequenos Irmãos de Maria*. Brasília: Umbrasil, 2010.
- IHERING, Rodolpho von. *Dicionário dos animais do Brasil*. São Paulo: Ver Curiosidades, 1940.
- KURY, Lorelay B.; CAMENIETZKI, Carlos Z. Ordem e natureza: coleções e cultura científica na Europa moderna. *Anais Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 29, p.57-85, 1997.
- LAWN, Martin; GROSVENOR, Ian. The materiality of schooling. In: LAWN, Martin; GROSVENOR, Ian (Ed.). *Materialities of schooling: design – technology – objects – routines*. Oxford: Symposium Books, 2005.
- LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas*, Belém, v. 6, n. 1, p.11-23, jan.-abr. 2011.
- LOPES, Maria Margaret. Cultura das Ciências Naturais. *Ciência & Educação*, v. 11, n. 3, p. 457-470, 2005.
- MADI FILHO, José Maurício Ismael. *Animais taxidermizados como materiais de ensino em fins do século XIX e começo do século XX*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.
- MADI FILHO, José Maurício Ismael. *Frei Germano de Annecy (1822-1890): lugares, saberes e práticas*. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.
- MANESSE, Abbé. *Traité sur la manière d'empailler et de conserver les animaux, les pelleteries et les laines*. Tradução: José Mariano Velloso. Lisboa: Casa Litter, 1800 [1787].
- MARANDINO, Martha. Museus de Ciências, coleções e educação: relações necessárias. *Museologia e Patrimônio*, v. 2, n. 2, jul.-dez., p. 1-12, 2009.
- MARTINS, Patrícia Carla de. *Seminário Episcopal de São Paulo e o paradigma conservador do século XIX*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, n. 115, jul.-dez., p. 103-117, 1983.
- PAGLIA, A. P. et al. Lista anotada dos mamíferos do Brasil. *Occasional Papers in Conservation Biology*, n. 6, abr. 2012. Disponível em: https://www.conservation.org/docs/default-source/brasil/annotated_checklist_of_brazilian_mammals_2nd_edition.pdf. Acesso em: 7 dez. 2023.
- PAULUS, M. *Histoire de la taxidermie*. Avignon: Martin Mourre, 1943.
- PEDRO, Ricardo. *História da equiparação do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo ao Colégio Pedro II (1900-1940)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.
- PÉQUIGNOT, Amandine. La taxidermie londonienne au service des premiers dioramas français. *La lettre de L'OCIM*, Dijon: Office de Cooperation et d'Information Muséographiques, n. 90, nov.-dec., 2003.

PIÑAS, Raquel. *Prêmio e castigo no Colégio Arquidiocesano de São Paulo (1908-1963)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: LE GOFF, Jacques (Org.). *Enciclopédia Einaudi: memória – história*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984.

POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a História Natural. In: FIGUEIREDO, Betânia G; VIDAL, Diana G. (Org.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Brasília Argumentum, 2005. p. 151-162.

PUIG, Ignacio. *História Natural*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes no estudo de cultura material. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 4, p. 265-282, 1996.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez 2007. p. 163-189.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Alicerces da pátria: história da escola primária do estado de São Paulo (1890-1976)*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Data de recebimento: 01.09.2023

Data de aceite: 08.12.2023